

Elena, o filme: narrativas sobre a experiência do suicídio

Elena, the movie: narratives about the experience of suicide

Elena, la película: relatos sobre la experiencia de suicidio

Mariana Btesheⁱ

Filme: *Elena*ⁱⁱ



Figura 1 – Cartaz do Filme. Fonte: Elenafilmeⁱⁱⁱ

i Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, Brasil | lattes.cnpq.br/6545170514548258 | marianabteshe@ensp.fiocruz.br

ii Disponível em: <http://lojadoims.com.br/ims/produto.cfm?id=33863> | Acesso em: 17 de novembro de 2014.

iii Disponível em: <http://www.elenafilme.com>

Diretora: Petra Costa
Produção: Busca Vida Filmes
Roteiro: Petra Costa e Carolina Ziskind
Direção de fotografia: Janice D'ávila, Will Etchebehere e Miguel Vassy
Ano: 2012
País: Brasil
Gênero: documentário
Cor: colorido
Duração: 82 minutos

Como citar

Bteshe M. Elena, o filme: narrativas sobre a experiência do suicídio. Rev Eletron de Comun Inf Inov Saúde [Internet]. out-dez 2014; 8(4):575-581. Disponível em: <http://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/981>

Submetido: 24.nov.2014 | Aceito: 27.nov.2014 | Publicado: 19.dez.2014

CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (download), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

Sinopse^{iv}

Elena viaja para Nova York com o mesmo sonho da mãe: ser atriz de cinema. Deixa para trás uma infância passada na clandestinidade dos anos de ditadura militar e deixa Petra, a irmã de 7 anos. Duas décadas mais tarde, Petra também se torna atriz e embarca para Nova York em busca de Elena. Tem apenas pistas: filmes caseiros, recortes de jornal, diários e cartas. A todo momento Petra espera encontrar Elena caminhando pelas ruas com uma blusa de seda. Pega o trem que Elena pegou, bate na porta de seus amigos, percorre seus caminhos e acaba descobrindo Elena em um lugar inesperado. Aos poucos, os traços das duas irmãs se confundem, já não se sabe quem é uma, quem é a outra. A mãe presente. Petra decifra. Agora que finalmente encontrou Elena, Petra precisa deixá-la partir.

Palavras-chave: Suicídio; Memória; Narrativa; Saúde mental; Filme; Resenha

Synopsis

Elena, a young Brazilian woman, moves to New York with the same dream as her mother: to become a movie actress. She leaves behind her childhood spent in hiding during the years of the military dictatorship. She also leaves Petra, her seven-year-old sister. Two decades later, Petra also becomes an actress and heads to New York. At first in search of her destiny, but increasingly, in search of Elena, Petra has only a few clues: home movies, newspaper clippings, a diary and some letters. Gradually, the features of the two sisters are confused; we no longer know one from the other. When Petra finally finds Elena in an unexpected place, she has to learn to let her go.

Keywords: Suicide; Memory; Narrative; Mental health; Film; Review

Sinopsis

Elena, una joven brasileña, se traslada a Nueva York con el mismo sueño que su madre: convertirse en una actriz de cine. Deja atrás su infancia pasada en la clandestinidad durante los años de la dictadura militar. Ella también deja Petra, su hermana de siete años de edad. Dos décadas más tarde, Petra también se convierte en una actriz y se dirige a Nueva York. Al principio en busca de su destino, pero cada vez más, en busca de Elena, Petra tiene pocos indicios: películas caseras, recortes de periódicos, un diario y algunas cartas. Poco a poco, las características de las dos hermanas se confunden; ya no sabemos quien es una quien es otra. Cuando Petra finalmente encuentra Elena en un lugar inesperado, ella tiene que aprender a la dejar partir.

Palavras clave: Suicídio; Memória; Narrativa; Salud mental; Película; Reseña

^{iv} As sinopses em português e em inglês foram retiradas do site oficial do documentário: <http://www.elenafilme.com/>
A tradução para o espanhol é de minha autoria.

Elena, o filme: narrativas sobre a experiência do suicídio

“Deixei de sentir medo ao começar a te buscar.”^v

Elena é um registro único por diversos motivos. Primeiro, são raríssimos os filmes produzidos no Brasil que chegaram ao grande circuito e que abordam temas tão obscuros como: o suicídio, os efeitos deste ato na rede social imediata (parentes, amigos, vizinhos etc.) e as manobras encontradas para dar conta de uma experiência tão radical. Figurar a morte é uma tarefa árdua. Figurar o suicídio - que é um tabu moral, religioso e social - mais ainda. Petra Costa o faz de maneira bela, intensa e pessoal. Trata-se de um retrato poético sobre a perda de sua irmã, no qual imagens de arquivos e de ficção se misturam e se confundem. Não é por acaso que o filme, lançado em 2012, foi premiado em diversas mostras e competições nacionais e internacionais. E, hoje, integra a seleção de pré-indicados ao Oscar/2015 de melhor documentário.

A cineasta através de um aporte documental riquíssimo - vídeos caseiros, fotos, cartas em fitas cassetes e diários - nos guia na busca de respostas sobre a história de vida de sua irmã mais velha^{vi}



Figura 2 - Elena aos 13 anos e a câmera de vídeo. Fonte: Elenafilme^{vii}

Afinal, quem é Elena? Esta pergunta perpassa de ponta a ponta o documentário. A partir da narração de Petra, somos tangenciados pelas memórias ditas “inconsoláveis” dos poucos anos vividos ao lado de sua irmã. E acompanhamos a trajetória deste último personagem, desde o seu nascimento, em plena ditadura militar no Brasil, até sua morte provocada por uma intoxicação medicamentosa com menos de vinte anos de idade. Contudo, o filme não tem a pretensão de apresentar uma estrutura linear de narração. Mas, segue um caminho próprio, no qual as memórias tecidas espontaneamente através de relatos de amigos, familiares e vídeos dão o tom da narrativa.

O filme se passa em Manhattan, Nova York. Cidade escolhida por Elena para investir na carreira de atriz de cinema e onde viveu seus últimos anos de vida na companhia da mãe e de Petra. De maneira corajosa, a diretora refaz literalmente os passos de Elena com o auxílio de sua mãe e dos registros encontrados. Assim, inúmeras questões e fantasmas que assombraram Elena, sua mãe, sua irmã Petra e amigos são revisitados no filme.

v Fala de Petra Costa no filme Elena retirada do roteiro ilustrado. Disponível em: <http://www.elenafilme.com/roteiro-ilustrado/>

vi Em uma entrevista cedida para a TV Cultura, em 2013, Petra Costa relata que se viu impelida a contar sua experiência ao encontrar em casa os diários de sua irmã, Elena. Elena tinha 17 anos quando escreveu um dos diários. Petra tinha a mesma idade quando os encontrou. Diante de tamanha identificação com os textos da irmã já falecida, a cineasta buscou conhecer e recontar a história dela através das poucas pistas que achou em uma agenda telefônica, cartas e recortes de jornais. Em sua jornada de produção do filme, que durou três anos, Petra encontrou cerca de 50h de filmes de família, além de ter entrevistado 50 pessoas, entre familiares e amigos de Elena. O resultado são 200 horas de material. A entrevista supracitada está disponível na íntegra em: <http://www.elenafilme.com/imprensa/petra-costa-no-metropolis/>

vii Disponível em: <http://www.elenafilme.com/roteiro-ilustrado/>

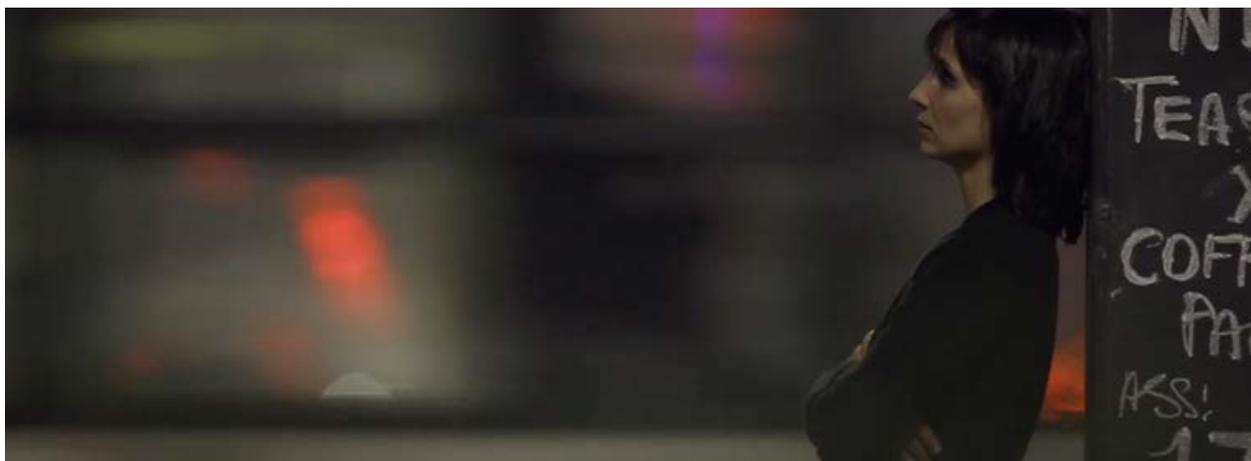


Figura 3 - Petra adulta retorna a Nova York. Fonte: Elenafilme^{viii}

A trama é assim composta por uma constelação de narrativas, sonoras e imagéticas, que circundam a aterradora experiência do suicídio. O espectador é imerso através da fotografia e da montagem impecáveis numa miríade de experiências pessoais que se mesclam e se separam ao longo do filme. A repetição familiar, tema tão caro à psicanálise, aparece em diversos momentos. A narrativa de Petra e a história de Elena se confundem a ponto de amigos não reconhecerem quem é quem em determinadas imagens. As três mulheres, personagens principais do filme, se embaralham em suas escolhas e desejos. O sonho de atuar no cinema, dividido por Elena e Petra é descrito como uma herança da mãe. São três gerações de atrizes, tendo em vista a grande diferença de idade entre Petra e Elena. Nova York, local escolhido por ambas para estudar teatro, foi onde o pai morou quando jovem e que influenciou sua escolha por retornar ao Brasil e seguir sua militância política.

Esta é justamente uma faceta interessante do ato de narrar que o filme ressalta: a possibilidade de Petra revisitar a trágica história da irmã, mas agora de maneira distinta. Ao invés de sucumbir diante do indizível, ou mesmo evitar a experiência daquilo que não pode ou não pôde ser compreendido, a cineasta tece uma rede de narrativas que dão sentido à sua vida e às suas memórias inconsoláveis. A arte aparece assim como uma saída possível para a pura repetição. Como ressalta Walter Benjamin¹ em seus estudos sobre memória e narrativa, narrar por vezes é curar feridas da história que ainda não tiveram a oportunidade de serem faladas ou significadas.

Elena é filha de um casal de militantes do PC do B, Li An e Manoel, que sobreviveram ao regime militar no Brasil nos anos 1960. Grávida de seis meses, sua mãe foi impedida de ir para a Guerrilha do Araguaia, na qual quase todos que lá estiveram foram assassinados pelos militares. Li An e Manoel são “salvos” por Elena. Os três viveram durante anos na clandestinidade. Ter o lugar de salvadora na história familiar antes mesmo de nascer, e ter passado parte da infância num momento caracterizado pelo medo, pela violência e pela exigência do silêncio são dados de realidade que parecem marcar a vida do personagem e de seus pais de maneira incisiva.

Petra, por sua vez, nasce nos anos 1980, momento da abertura do país. A diferença de 13 anos de idade entre as irmãs, contudo, em nada atrapalha o forte elo existente entre elas. Pode-se presenciar através dos vídeos caseiros, o cuidado de Elena com Petra e o desejo de compartilhar com a pequena irmã seus sonhos e suas aspirações. Elena ensina Petra a cantar, a encenar, e apresenta para ela os filmes de Shirley Temple. E registra esses momentos em imagens.

viii Disponível em: <http://www.elenafilme.com/roteiro-ilustrado/>



Figura 4 - Elena e Petra. Fonte: Elenafilme^{ix}

Quando Petra tinha dois anos, seus pais se separam. Elena, que tinha 15 anos, muda de comportamento. Afasta-se da irmã e procura o teatro como uma saída para uma vivência que transborda dor e questionamento. Elena profissionaliza-se como atriz. E a escolha pela arte, que inicialmente era uma brincadeira lúdica com Petra, torna-se uma opção pesada e sofrida.

No aniversário de sete anos da irmã, Elena lhe comunica que irá morar em outro país para ser atriz de cinema. E de maneira quase profética, alerta a pequena Petra que aquela idade seria uma das mais difíceis de sua vida. E, por isso, Petra precisaria ser forte na ausência da irmã. Elena se mataria meses depois quando Petra ainda tinha sete anos de idade.

Elena morou por meses sozinha em Nova York. Faz aulas de canto, dança, atuação e diversos testes. Perfeccionista e exigente, ela se entristeceu diante das dificuldades encontradas em uma grande cidade estrangeira. Retornou ao Brasil, onde recebeu a notícia de ter sido aprovada em uma universidade de Nova York. Vendo a fragilidade da filha, a mãe colocou como condição acompanhar Elena em sua jornada. Elena, sua mãe e Petra partiram para Nova York.

Petra inicia o reencontro com sua própria história, em 2003, quando vai morar Nova York e inicia o curso de teatro na Universidade de Columbia. Petra leva sua mãe junto. E, assim, testemunhamos o momento que procuram o edifício onde moraram nos anos 80, e onde Elena morreu. Li An parece se encontrar na tensão entre o desejo de memória e a vontade de esquecer. Vivência compartilhada por quase todos aqueles que viveram situações de violência simbólica extrema.

Revelam-se aí, ao menos, duas narrativas diferentes sobre a mesma experiência. A experiência da mãe de culpa, angústia, impotência e dor diante do suicídio de Elena. A experiência de Petra que tenta construir uma história que dê sentido a todos os silêncios, não-ditos e lacunas que por tanto tempo fizeram parte de sua história.

O filme mostra de maneira nua e crua o sofrimento frente ao suicídio de todos que circundavam Elena. A mãe relata suas fantasias de morte após o suicídio da filha, e inclusive, fala que pensou em se matar e matar a filha mais nova para acabar com seu sofrimento. Petra, por sua vez, retoma um laudo psicológico e filmes caseiros que mostram seu comportamento depressivo frente à perda violenta de sua irmã. Petra, uma criança de sete anos, queria morrer. Sua mãe também. Após o relato da separação, a figura do pai permanece ausente por toda a trama. E é retomada apenas no final do filme, quando a cineasta relata como ele ainda permanece em silêncio sobre o que aconteceu com a filha mais velha. Os amigos também se dizem devastados pela morte. Um amigo americano mais próximo, a última pessoa a falar com Elena, recorda sua dor diante de um telefonema de despedida que o levou a correr em direção à casa de Elena.

ix Disponível em: <http://www.elenafilme.com/roteiro-ilustrado/>

As vivências que despedaçam a alma de Elena são um capítulo à parte no filme. Suas cartas faladas, diários e vídeos nos dão uma pequena dimensão de seu enorme sofrimento. Elena passou por médicos, foi diagnosticada e medicada. Mas, nada pareceu cessar sua angústia.

Como se repete em tantas outras histórias de suicídio, podemos observar: suas tentativas repetidas de se matar; os relatos de sentimento de impotência das pessoas de sua rede social mais próxima; seus alertas e pedidos de ajuda que nem sempre foram compreendidos como tais; a tentativa da rede social mais próxima de encontrar um porquê para seu comportamento quase 20 anos depois; a inabilidade da emergência do hospital em comunicar a morte para a mãe; o silenciamento sobre a morte provocada. Estes temas apesar de corriqueiros nos relatos sobre a experiência do suicídio são questões-chave que, atualmente, permeiam os cuidados tanto às tentativas de suicídio como também aos que de alguma maneira são afetados direta ou indiretamente por ele.

Falar abertamente, e de maneira responsável, sobre o ato de acabar com a própria vida e as questões que cercam esta experiência é uma das principais recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS)^x. Contudo, de antemão, nos deparamos com alguns impasses.

Primeiro, trata-se de um objeto de estudo que causa contínuas discussões e discordâncias entre os interlocutores do campo, pois se manifesta das mais diversas maneiras: pensamentos, planos, gestos e atos. O repertório de motivos, meios utilizados, formas de comunicação é muito maior do que podemos aqui assinalar. Além disso, por ser um ato que acompanha sofrimento, dor e sobressalto ele não passa despercebido, geralmente causa desconforto. E, por isso mesmo, é constantemente recoberto pelas mais diferentes compreensões dos profissionais de saúde, das pessoas que viveram essa experiência, da mídia e da sociedade em geral.

Os laços existentes entre o suicídio e o meio social não é uma temática nova. Já em 1897, Émile Durkheim², no livro seminal *O Suicídio*, assinala que a falta de integração social, a anomia, a ausência de solidariedade seriam fatores sociais que levariam a tal ato radical. Sustentou, assim, que a consistência das taxas de suicídio era um fato social, explicado pelo grau em que os indivíduos eram integrados e regulados pelas forças que participavam da vida coletiva. A despeito das críticas feitas à teoria durkheimiana, ela influenciou diretamente a sociologia americana nos estudos sobre o suicídio, sobretudo na primeira metade do século XX. A noção de “integração social” foi apropriada de diversas maneiras e recebeu novas roupagens, tais como: isolamento social; coesão social e suporte social.

Atualmente, as propostas de cuidado e de intervenção em saúde baseiam-se, sobretudo, no processo de descriminalização e quebra de tabus sobre o suicídio^{xi}, ou seja, na abertura de espaços de fala que não somente acolham essas pessoas de forma cuidadosa, mas que as incluam como atores sociais. Neste sentido, o campo da infocomunicação parece ter um papel estratégico, que é o de dar visibilidade a um grupo silenciado, contribuindo para que seja removido o estigma e a culpa que o acompanha. Quando não existe

x Em 1996, a OMS, baseada em estatísticas epidemiológicas de diferentes regiões e grupos étnicos, que apontavam para um aumento de 65% nos últimos 40 anos nas taxas de suicídio de jovens na faixa etária de 10 a 24 anos, classificou o suicídio como um grave problema de saúde pública em todo o mundo, e que demandava esforços no sentido da prevenção. Assim, em 1999, a entidade lançou mundialmente o Programa de Prevenção do Suicídio (Suicide Prevention Program - Supre), com o objetivo de integrar as diferentes iniciativas para reduzir a morbidade e mortalidade devido ao comportamento suicida. Entre os objetivos do programa Supre, encontram-se a informação e a conscientização, como forma de intervenção e abordagem do suicídio. Procura-se investir no aprimoramento das pesquisas científicas, na quebra do tabu em relação ao assunto, através do aumento do conhecimento sobre o suicídio e do apoio àqueles que têm ideias, experiências, ou que são familiares e amigos próximos de pessoas que se mataram. Em 2000, associado ao lançamento da pesquisa multicêntrica (SUPRE-MISS), a OMS publicou uma série de manuais de prevenção de suicídio, todos traduzidos para o português, voltados para diferentes categorias profissionais. Em documentos específicos, foram contemplados clínicos gerais, profissionais de saúde em atenção primária, professores e educadores, agentes prisionais, e profissionais de mídia. Os documentos supracitados estão disponíveis em: http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/supresuicideprevent/en/

xi Em 2010, a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), seguindo as recomendações de 2000 da OMS, lançou a primeira edição do Manual para Profissionais da Mídia, que pode ser encontrado no seguinte endereço digital: <<http://www.abp.org.br/portal/imprensa/manual-de-imprensa/>>. Em 2014, o Conselho Federal de Medicina - CFM e a ABP se uniram para lançar uma nova cartilha de combate ao suicídio. Além de dados atualizados sobre o tema, o texto ressalta a responsabilidade social. Disponível em: http://www.flip3d.com.br/web/temp_site/edicao-2548.pdf

um espaço, seja público ou privado, para que as pessoas possam falar, compartilhar e esclarecer seus sentimentos e dúvidas, o luto ou a elaboração desse ato se torna muito mais difícil. Além disso, a desinformação, o preconceito e o julgamento moral, que geralmente aparecem junto ao comportamento suicida, muitas vezes interferem na dinâmica da família e na rede social próxima que acabam sendo as mais atingidas pelo estigma social. Assim, uma das dimensões de cuidado concentra-se na proposta de que aqueles que buscam ajuda, ou que já são usuários de serviços de saúde mental, ou que se consideram em risco, possam efetivamente ser compreendidos, acolhidos e escutados para além de qualquer rótulo estigmatizante³.

Nesse cenário, o suicídio não é “simplesmente” um tema médico, jurídico ou antropológico. É também um assunto político que envolve a cidadania. É necessário incentivar as pessoas que passaram por uma experiência tão radical, e que têm um olhar distinto dessa realidade, possam participar ativamente da discussão sobre a implementação de políticas públicas de prevenção e de cuidado. Que testemunhem sobre suas vivências em relação ao tratamento, visando à melhoria do acesso aos centros de saúde. E, principalmente, que todos tenham acesso livre e democrático às informações sobre o assunto. Estes são os direitos e deveres mínimos dos cidadãos que estão explícitos na organização do Sistema Único de Saúde (SUS)⁴.

Eis uma questão importante suscitada pelo documentário: falar abertamente sobre o suicídio. Petra traz para a tela do cinema e para a mídiaⁱⁱ este tema que ainda causa um extremo desconforto, vergonha e culpa. E que, na maioria das vezes, é visto, mesmo no meio cultural e artístico, como um assunto mórbido e pesado. Elena, ao contrário, é um filme de extremo bom gosto. Poético sem ser piegas. Intenso sem ser penoso. Mais do que o relato de um suicídio na família, Elena é um filme sobre a possibilidade, a partir do uso de narrativas, de preencher os vazios simbólicos deixados por experiências de sofrimento radicais, que podem engendrar incertezas insuportáveis típicas de um encontro traumático. Ao prezar pela capacidade do ser humano de simbolizar algo que ameaça violentamente romper o equilíbrio da vida, este filme é fundamental para todos, sobretudo, para aqueles que atuam cotidianamente no campo da saúde.

Referências

1. Borge1. Benjamin W. Rua de mão única. (Obras escolhidas, v.2). 5.ed. São Paulo: Brasiliense; 1997. Conto e cura p. 269.
2. Durkheim É. Le suicide. Paris: PUF; 2007.
3. Bteshe M. Experiência, narrativa e práticas infocomunicacionais: sobre o cuidado no comportamento suicida. [tese]. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz; 2013.
4. Estellita-Lins CE. Trocando seis por meia-dúzia: suicídio como emergência do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mauad; 2012.